

Cultura Cria-ti-ca

ISSN
1981-0911

revista cultural da apropuc-sp nº8 - 2º semestre de 2008



Romance Regionalista Brasileiro

APRESENTAÇÃO

Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia.

(Tolstoi)

Em entrevista concedida recentemente ao jornal Folha de S. Paulo, Milton Hatoum contesta a noção de regionalismo que, para ele, se transformou em algo datado e que deve ser contestado. Independentemente dos excelentes argumentos que apresenta o escritor amazonense, dentre os quais o de que Graciliano Ramos foi um escritor universal e o de que a noção de romance regionalista pressupõe a existência de romance central, prevalece na proposta de publicação deste número da Revista Cultura Crítica a noção de romance regionalista como aquele que, nas palavras do professor Antonio Candido, foi o precursor de nossa consciência de subdesenvolvimento, de uma percepção aguda da situação de atraso político, econômico e cultural que determinava e continua determinando que grandes contingentes da população sejam submetidos à miséria, à fome e à indignidade.

Entre aquela realidade retratada em muitos dos romances regionalistas e a nossa realidade de hoje pouca coisa mudou. Dos tantos milhões que saíram dos cofres públicos para socorrer os flagelados da seca, por exemplo, pouco foi investido em ações políticas que pudessem minimizar o atraso a que historicamente estamos submetidos. O coronelismo na política assumiu formatos mais sofisticados sem, no entanto, alterar de fato a ocupação dos espaços de poder; o flagelo trasladou-se do cenário da seca para o da periferia das grandes cidades; a tão almejada e necessária reforma agrária caminha a passos de tartaruga, refém dos poderosos que só fazem defender os interesses dos latifundiários e dos agentes do agro-negócio.

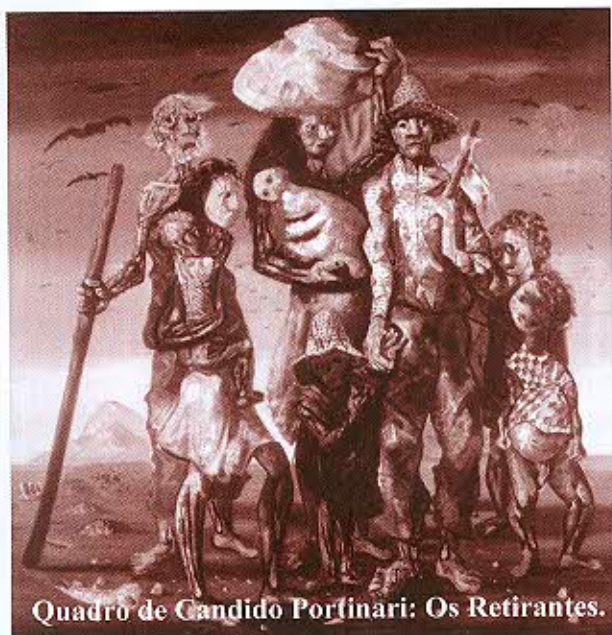
Nos artigos que compõem este oitavo número da Revista Cultura Crítica, pesquisadores apresentam suas reflexões sobre o romance regionalista dos anos de 1930 e sobre os autores e as obras que universalizaram a consciência de nosso subdesenvolvimento. Discutem, ainda, a atualização temática e estética do romance regionalista em obras produzidas mais recentemente e a importância que o romance social nordestino teve para a consolidação de outros sistemas literários em língua portuguesa.

E, para fechar este número da Cultura Crítica, reproduzimos integralmente o *Manifesto Regionalista*, de Gilberto Freyre, apresentado no I Congresso Brasileiro de Regionalismo, realizado em Recife, em 1926. Nele, o autor de *Casa Grande & Senzala* desafia os saberes e os sabores de um povo que a despeito da sanha gananciosa de suas elites é capaz de construir utopias, fazer arte e lutar por um mundo mais justo.

Com esta publicação, a Associação dos Professores da PUC de São Paulo espera contribuir para o debate sobre as relações entre a literatura e o contexto histórico, social e político que pauta sua produção. Desejamos uma boa leitura a todos.

Ivan Rodrigues Martin





Quadro de Candido Portinari: Os Retirantes.

Cultura Cri-ti-ca

revista cultural da apropuc-sp

Conselho Editorial

Carlos Shimote
Erson Martins de Oliveira
João Batista Teixeira
Maria Lúcia Silva Barroco
Victoria Claire Weischtordt

Editor-Geral

Ivan Rodrigues Martin

Editor Executivo

Ricardo Melani

Preparação e Revisão

Véra Regina Maselli

Capa

A partir de ilustração de Fernando Vilela do livro *Lampião & Lancelote*, Editora Cosac & Naify. www.fernandovilela.com.br

Projeto Gráfico

Meios e Mídias

Editoração Eletrônica

Mauro Teles

Fotos e imagens

Divulgação

Impressão

Rettec Artes Gráficas

Tiragem

2.000 exemplares

DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DA PUC-SP

Presidente

Maria Beatriz Costa Abramides

Vice-presidente

Ivan Rodrigues Martin

1º Secretário

Willis Santiago Guerra Filho

2ª Secretária

Priscilla Cornalbas

1ª Tesoureira

Victoria Claire Weischtordt

2ª Tesoureira

Rachel Pereira Balsalobre

Suplentes

Sandra Gagliardi Sanchez
João Batista Teixeira

Comissão de Cultura

Erson Martins de Oliveira
José Arbex Jr.
Maria Lúcia Silva Barroco

Comissão de Educação

Wagner Wu
Carlos Shimote

Comissão Jurídica

Leonardo Massud
Mauro César Bullara Arjona

APROPUC

Rua Bartira 407 – Perdizes - CEP

05009-000 - São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-2685

apropuc@uol.com.br

SUMÁRIO



6

Regionalismo e romance de 30

LUÍS BUENO



41

Graciliano Ramos e o autoquestionamento da literatura

BEL BRUNACCI



10

Desistência, experiência, memória: o romance brasileiro depois de 1930

RICARDO BARRETO



46

As artes da ameaça: um percurso em *Vidas secas* e “Meu tio iauaretê”

HERMENEGILDO BASTOS



16

Ressonâncias do regionalismo brasileiro na literatura de Cabo Verde

VIMÁLIA MARTIN



52

Ramos de Oliveira na aridez de *vidas secas*

JOÃO HILTON SAYEG-SIQUEIRA



20

O Movimento Armorial de Ariano Suassuna

WILLIS SANTIAGO GUERRA FILHO



57

As metáforas do seco: regionalismo e gênero na obra de Rachel de Queiroz

ROBERTA HERNANDES ALVES



24

***Menino de Engenho* e a tradição oitocentista**

EDUINO JOSÉ ORIONE



63

***Crônica da casa assassinada*: um romance regionalista sem história**

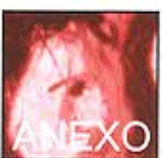
GISELLE LARIZZATTI AGAZZI



30

O Fogo Morto em Cidade de Deus

JEFFERSON AGOSTINI MELLO



70

MANIFESTO REGIONALISTA

GILBERTO FREYRE



O escritor José Lins do Rego, autor do romance *Menino de Engenho*.

Regionalismo e romance de 30

LUÍS BUENO



Vamos imaginar um romance publicado em 1930 cuja ação se passa uma década e meia antes. Sua protagonista é uma moça com um pouco mais de vinte anos que vive na capital de um estado brasileiro, onde trabalha como professora. Ao mesmo tempo que deseja casar-se e ter filhos, preocupa-se com a condição da mulher e com outros papéis que quer desempenhar além dos de mãe e esposa. Ela leva essa sua preocupação tão longe que termina por não se casar, apesar de um rapaz, por quem se sente atraída há muito tempo, propor-lhe casamento.

Imaginemos um outro romance, este publicado em 1932. Seu protagonista é um rapaz tranqüilo e trabalhador que, bêbado, num momento impensado, mata uma pessoa. É preso na hora. Quando chega à cadeia, alguém pergunta quem é o criminoso e ele, ao se ver apontado, não se reconhece: em princípio não aceita e, em seguida, lembra-se confusamente do que aconteceu, tem certeza de que matou e fica obcecado com sua própria identidade, perguntando-se se um único ato mudaria toda sua natureza. Depois a rotina da cadeia: o tédio, a sujeira, a comida ruim. E o processo, a luta para sair da cadeia. Por fim o contraste entre a paralisação da vida do preso e a dinâmica da vida lá fora, o que leva a namorada a trocá-lo por um dos soldados que o prendeu.

Descritos assim, dificilmente esses romances seriam considerados regionalistas. Afinal de contas, as mudanças na condição feminina são uma das marcas mais evidentes das transformações acontecidas no início do século XX, marcas mesmo da modernização das relações sociais em todo o mundo ocidental. **E o que haveria de regional numa pessoa que tem que entender sua própria identidade em face de um único e radical ato criminoso e de sua experiência na cadeia?** Em termos amplos, não é isso que faz o Raskolnikoff, de *Crime e castigo*?

No entanto, quando ficamos sabendo que esses são os entrecchos dos dois primeiros romances de Rachel de Queiroz, *O quinze* e *João Miguel*, que a capital referida no primeiro é Fortaleza, que a ação do segundo se passa no interior do Ceará; quando pensamos que uma das ações paralelas à trama principal do primeiro é a de uma família de retirantes das relações daquela professora e que, no segundo, o destino do preso depende de uma justiça marcada pelo tipo de poder específico dos coronéis, tudo muda, e a idéia de que se trata de romances regionalistas, como em geral as histórias literárias brasileiras os definem, pode parecer bem razoável. Afinal, a década de 1930 não é a do romance regionalista?

Seja qual for a posição do leitor que, desarmado de preconceitos, faça a leitura de *O quinze* e de *João Miguel*, é preciso admitir que, no mínimo, o enquadramento da produção de Rachel de Queiroz no campo estrito dos regionalistas é precário. Mas não é só ela. Outro pilar do regionalismo no romance de 30 é José Lins do Rego. Seu primeiro romance, *Menino de engenho*, é muitas vezes visto como uma espécie de descrição da vida num engenho de cana no tempo de decadência desse tipo de propriedade rural nordestina. Mas também é verdade que não se trata de simples descrição. É muito mais uma visão do engenho filtra-

da por um menino solitário que, marcado desde a primeira infância pela perda — a morte da mãe e a prisão do pai —, vai projetar sua melancolia nessa outra perda, a perda de um modo de vida mais amplo. E o que filtra o engenho que chega ao leitor é esse olhar subjetivo de alguém que vive um problemático momento histórico de transição, profundamente assumido, a ponto de deixar escapar julgamentos pouco confessáveis como algo absolutamente natural.

É verdade que há uma longa tradição de enganos a legitimar a leitura de que o elemento regionalista define essas obras. Lembre-se que, ainda em 1930, ao resenhar *O quinze*, **Tristão de Athayde irritou-se com a importância que a professora, Conceição, tinha no romance. Pareceu ao mais influente crítico brasileiro daqueles tempos que era excessiva a presença de Conceição e arrogante o contraste que ela desenhava com a religiosidade da avó, representante de outra geração de mulheres.** E, principalmente, que faltava a seca. Para ele, o centro do livro tinha que ser a retirada da família de Chico Bento. Esse julgamento, que não se acanha em determinar o que aquela obra deveria ser, só faz sentido porque o crítico, já de antemão, enquadrou o livro numa categoria, a do romance de seca, interpretando o desvio em relação ao modelo como um defeito. Mais flexível que ele foi Agripino Grieco, que viu nesse desvio uma novidade numa tradição já velha e sem vitalidade.

Para pensar a relação entre regionalismo e romance de 30, expressões muitas vezes consideradas sinônimas, é preciso agir um pouco como Grieco e procurar o peso específico, numa determinada obra, do dado local — a seca, a paisagem, o mandonismo ou o pago, a fronteira, o caudilhismo — antes de simplesmente classificá-la como regionalista em sentido estrito. Afinal de contas, toda ação de romance se passa em algum

lugar, e todo lugar tem suas especificidades. Muita gente teria dificuldade em caracterizar um romance passado numa grande cidade como regionalista. Mas essa recusa não precisaria ser superada caso o interesse central ali fosse a figuração da vida de um grupo ou de um bairro específico? A leitura só tem a ganhar se for capaz de munir-se de um pensamento dinâmico e sem recalques que não a conduzam a uma outra forma de provincianismo: aquela que assume uma necessária universalidade e riqueza da vida nos países centrais ou nas regiões mais desenvolvidas de um país, e um necessário estreitamento da vida de países ou regiões periféricas, cujo interesse recairia primordialmente em seus aspectos “diferentes” ou “estranhos”.

Definitivamente, não foi isso que o romance de 30 em seu conjunto fez. É claro que houve, sim, obras que se deixaram absorver pelo ambiente, de tal forma que esse ambiente acaba saltando para o primeiro plano, quase sem mediação nenhuma. Mas foram escritas por autores que, a despeito de algum reconhecimento fugaz, não conseguiram se firmar, mesmo em seu tempo. **Esse é o caso, por exemplo, do escritor baiano Clóvis Amorim, que em 1934 publicou um romance muito elogiado por críticos da esquerda, chamado *Alambique*.** Elogiado, é claro, porque no contexto daquela disputa entre dois pólos ideológicos, sempre se elogia aquele que se coloca do lado que interessa ao crítico. Mas, de forma geral, esse comportamento serviu apenas para congelar obras e autores em compartimentos-padrão, o que resulta num empobrecimento da avaliação que se faz dos autores do período e de sua contribuição para a renovação e consolidação do romance brasileiro.

Para reforçar o argumento, seria bastante interessante fazermos também o raciocínio inverso. Como se sabe, ao lado do romance regional e social, os anos 1930 foram marcados por uma ou-

